

# ALFAZARÉIA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS  
Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33  
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para  
a República Federativa do Brasil



# Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

## Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º

Soberano Grande Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º

Lugar Tenente Comendador

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º

Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º

Grande Secretário do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º

Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Maurício Soares, 33º

Grande Tesoureiro do S.:I.:

José Alves de Alencar, 33º

Grande Chanceler Guarda do Selo

## SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º †

Brasil

Geraldo de Souza, 33º †

Brasil

Ballo Geay Yacouba, 33º

Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º

Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º

Panamá

Henri L. Baranger, 33º

França

José Carlos D. Silva Nogueira, 33º

Portugal

Agostinho Fernandes Garcia, 33º

Portugal

## Membros Efetivos

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Atyla Quintaes Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco "Bonato" Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

Nelson Gonçalves Correlo (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes (30/9/2006)

João Antonio Aidar Coelho (26/07/2008)

Maurício Soares, 33º (18/09/2008)

Rui Silvio Stragliotto, 33º (20/06/2009)

Irineu Ramazzotti, 33º (04/09/2012)

Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º (13/11/2012)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



### Revista Astréa

Órgão Oficial do **Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**

Fundada em 1º de janeiro de 1927, pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Registro **009-R** na **Associação Brasileira da Imprensa Maçônica**

#### Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**,  
Soberano Grande Comendador

#### Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro, 18º**  
OJB 242

#### Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º**

#### Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodrê Brandão Lira, 32º**

#### Criação e Produção

**Infinity Editorial e Promocional**  
Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho  
21051-120 - Rio de Janeiro - RJ

Tiragem desta Edição:  
22.000 exemplares

#### Correspondência

**Revista Astréa**  
Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá  
21321-624 - Rio de Janeiro, RJ  
Brasil

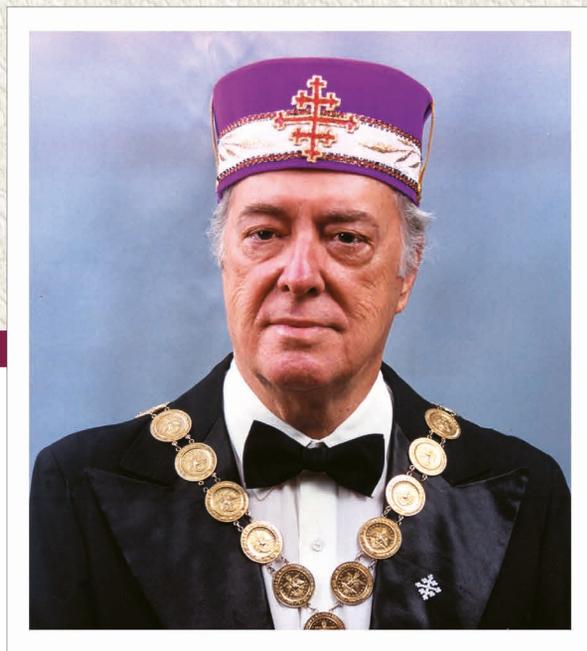
Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br  
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

**Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**  
*Soberano Grande Comendador*

*Meus valorosos Irmãos*



**V**imos, novamente ao vosso encontro, através desta mensagem inserida no número 34 da **Revista Astréa**.

É, sempre, uma felicidade inaudita promover nossos encontros, seja por qualquer meio, pois estamos sempre ligados pelos laços fraternos contidos na prática maçônica.

Temos justificado orgulho pelo imenso progresso obtido nestes últimos anos. Verdadeiramente, o **Rito Escocês Antigo e Aceito** cresce sempre, em ritmo contínuo.

As instalações do **Supremo Conselho**, no seu terreno sede, nos enchem de satisfação e são agradável surpresa para todos os que nos honram com suas visitas.

Irmãos de todos os **Graus, Grão-Mestres, Altos Dignitários das Grandes Lojas** e, inclusive, de origem estrangeira, surpreendem-se com a grandiosidade de nossas edificações.

Tudo é empreendido e conseguido com o alto objetivo da afirmação do **Rito** em nosso **Brasil**. Não há qualquer sentimento negativo de vaidade ou de afirmação pessoal.

A qualidade e o número de Irmãos constantes de nossos cadastros é outro motivo de satisfação, especialmente por constituir-se em força e prestígio dentro e fora de nosso país.

Alegrem-se, meus Irmãos, pois o vosso conjunto é o propulsor de todas essas maravilhosas conquistas.

Elevemos os nossos pensamentos e roguemos ao **Grande Arquiteto do Universo** que nos cubra de bênçãos e nos proteja no afã de trabalhar por Sua Glória. ▲





*Charles Edward Stuart, o Jovem Pretendente ao trono britânico. Em torno das pretensões dele e de seu pai, James Francis Edward Stuart, filho do destronado rei James II (ao alto, no medalhão), formar-se-iam as lendárias conexões românticas entre os Stuarts e os Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito.*



## Emblemas heráldicos do Rito Escocês Antigo e Aceito

Texto e ilustrações de

Ir.: *João Guilherme C. Ribeiro, 18º*

### *Painéis ou brasões?*

Se em francês são chamados blazons, em italiano são conhecidos como emblemi araldici. Em inglês e espanhol, também são emblemas. Aqui entre nós, certamente por extensão dos hábitos do simbolismo, nós os chamamos de painéis. Porém, sendo o R.: E.:A.:A.: um Rito de origem nobre, lembremos que os nobres têm direito a brasões! Minha sugestão é que sigamos a nomenclatura internacional, como gostava meu saudoso Irmão **José Castellani**, que também escreveu a respeito, junto com **Cláudio Roque Bueno Ferreira**, no Manual Heráldico do Rito Escocês Antigo e Aceito, publicado pela Editora A Gazeta Maçônica, em 1995. Então, mesmo que nos tenhamos acostumados a conhecê-los como painéis, parece mais coerente denominá-los emblemas heráldicos dos Graus.

O texto original deste trabalho foi apresentado em Os Fios da Meada, um livro, ora esgotado, em que procurei dar uma visão geral do Rito Escocês Antigo e Aceito a par-

tir das origens e através das citações de fatos, eventos e autores dos mais criteriosos mais criteriosos que permitissem divisar os caminhos prováveis de sua evolução.

Na verdade, esse trabalho de recuperação dos emblemas heráldicos havia começado um bom tempo antes, quando o grande auditório do Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil foi terminado, depois de anos de estagnação e problemas, na primeira gestão do S.:G.: Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**. Concordamos em que os painéis com os emblemas seriam uma decoração adequada àquele que seria o cenário de muitas cerimônias e reuniões aqui no Rio de Janeiro.

Para simplificar a confecção dos painéis decorativos, de modo que tivessem as mesmas proporções, dispensei os mantos e elementos externos e concentrei-me nos brasões, propriamente ditos. Não apenas porque este tem sido o uso contemporâneo, mas porque,





**O rei Luís XIV instalou o exilado James II e sua corte no castelo de Saint-Germain-en-Laye, onde nascera, em 1638. Os descendentes do rei inglês ainda viveriam no castelo até serem despejados em 1793, na Revolução Francesa. Nesse mesmo castelo seria assinado o tratado que encerraria as hostilidades entre os Aliados e a Áustria na Primeira Guerra Mundial.**

**Crinelli e Carlo Pierallini** (Convívio/Nardini Editore, 1988).

### *O estímulo do desafio*

Naturalmente, como ilustrador, os emblemas dos Graus representaram um desafio e uma oportunidade – nada melhor para motivar!

Qualquer trabalho gráfico envolve muita responsabilidade e pode ser desperdiçado se não for executado de forma profissional. Apesar de toda evolução, o ofício do impressor não é só tecnologia. Tanto que sua profissão chama-se Artes Gráficas.

Imagine dois trabalhos para imprimir, um bom e outro ruim, que tenham as mesmas especificações gráficas, isto é, formato, páginas, papel e cores de impressão. Eles irão custar a mesma coisa para imprimir e dar acabamento. A diferença estará sempre na arte original que gerou o trabalho. Um bom original, mesmo mal impresso, ainda conservará alguma qualidade. Um original ruim, ainda

que impresso na melhor gráfica do mundo, fatalmente vai resultar canhestro, inconsistente, primário, produto de amador mal orientado. Em suma, dinheiro jogado fora. Não é uma questão de mais caro ou mais barato. Caro é o que não dá resultado.

Ao longo dos anos, à medida que eram impressos novos rituais, cada nova reprodução, feita a partir da anterior, comprometia a visualização dos emblemas dos Graus. Ficava difícil, para aqueles que tinham a responsabilidade de instruir Lojas, Capítulos, Conselhos e Consistórios, explicar os painéis. O que deveria ser motivo de interesse acaba alvo de zombaria.

Quando me dediquei a redesenhar os emblemas do Rito Escocês An-

principalmente, neles estão os principais temas dos Graus. Assim eles foram apresentados, em miniatura, na revista *L'Incontro delle Genti*, do Supremo Conselho italiano.

Mas, como sempre digo, a fila anda, "o mundo gira e a Lusitana roda"...

Nada é definitivo, a não ser a morte... e, ainda assim, talvez!

Digo isto porque, em 2012, **Luiz Antônio Azevedo**, um estudioso Irmão e Companheiro de Natal, RN, muito amigo, sabedor do meu interesse pela iconografia maçônica, presenteou-me com um livro italiano precioso, *Gli Emblemi Araldici della Massoneria di Rito Scozzese Antico ed Accettato*, de **Giordano Gamberini, Giovanni Pica, Giovanni Ghinazzi e Leone Braschi**, ilustrado por **Lorenzo**

**É natural que as mentes mais ordeiras gostem da ideia de que Maçonaria é aquela coisa bem igualzinha, todo mundo vestido de preto, com aventais, rituais e paramentos padronizados. Só que Maçonaria tem séculos de idade e espalhou-se por todo o mundo antes da net e do GPS...**

**Os livros citados no texto foram a base de pesquisa para todas as ilustrações. Esses dois livros nos permitem constatar as muitas diferenças nos painéis do Rito.**



# L'INCONTRO delle genti

ANNO XXXVIII - N. 1  
OTTOBRE - DICEMBRE 1998 - RIVISTA DI SCIENZE LETTERE ED ARTI  
L'Espresso - Foto: G. Basso - Contrasto



tigo e Aceito, desejava resgatar as ricas imagens que contêm os ensinamentos de cada degrau da escadaria escocesa. Não foi fácil, por uma série de fatores. Para começar, é preciso levar em conta que entre o período de sua concepção original e nossos dias, as artes gráficas conheceram um progresso incrível. Hoje, praticamente, nada impede a reprodução de cores.

Porém, no início, do mesmo modo que muitos rituais eram cópias manuscritas, as ilustrações também eram feitas a mão, dependendo da habilidade e do conhecimento maçônico do artista que as reproduzia. Além do mais, não esqueça, você que está habituado à vertiginosa comunicação dos nossos dias, das dificuldades daqueles tempos. Não é à toa que muitas antigas representações têm variações quase infinitas de qualidade e de cores, ainda que, surpreendentemente, sejam bastantes consistentes quanto aos símbolos. Já contei, em outro artigo, como o avelal de um dos Graus levou a uma mudança equivocada. O encarregado da nova edição, vendo o vermelho desbotado na ilustração

da edição anterior, interpretou a cor como sendo laranja e resolveu alterar a descrição no texto do ritual! É sério!

Naturalmente, este trabalho de reconstrução precisou de tempo, paciência e extensa pesquisa. Consultamos autores criteriosos e todas as antigas reproduções históricas que foi possível encontrar. Foram quase dois anos de trabalho intenso, mas prazeroso – claro, com alguns tropeços, um bocado de controvérsia e muita revisão.

Entre os detalhes que incomodaram os puristas estava o de que eu ainda não tinha feito os Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito (na verdade, ainda não os terminei). Entretanto, quem disse que em Maçonaria se coloca obstáculos na busca de saber? Este inconveniente foi resolvido pelo gentil prefácio de nosso Soberano Grande Comendador, Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33°. Devo agradecer muito, também, à paciência dos Irmãos **Jorge Luiz de Andrade Lins**, 33°, e **Lyrio Bravin**, 33°, de saudosa memória, nos diálogos e buscas intermináveis, e **Carlos Deveza**, 33°, pelas fotos dos quadros dos Soberanos históricos, pintados pelo artista **José de Arimateia**, pertencentes ao acervo da pinacoteca do *Supremo Conselho*.

É claro que um trabalho desses ninguém faz só.

Muitos foram os livros consultados. Entre os mais úteis, destacamos:

*Vested in Glory*, **Jim Tresner**, 33°, Grand Cross, ilustrado por **Robert White**, 32°, e publicado pela Scottish Rite Research Society, Washington, DC, 2000;

*Valley of the Craftsmen*, editado por **William L. Fox**, publicado pelo Supremo Conselho 33° -Jurisdição Sul, USA, Washington, DC, USA, 2001;

*Forms and Traditions of the Scottish Rite*, **C. Fred Kleinknecht**, 33°, Sovereign Grand Commander, publicado pela Scottish Ri-

te Research Society, Washington, DC, 2000;

*Histoire Générale de la Franc-Maçonnerie*, **Paul Naudon**, publicada por Office du Livre, 1987.

Como disse no início, esta série de artigos é uma releitura dos emblemas heráldicos, motivada pelo presente do Luiz Antônio, o *Gli Emblemi Araldici della Massoneria di Rito Scoresse Antico ed Accettato*. Sim, porque, pela primeira vez, pude encontrar todos os emblemas completos e nítidos, de todos os Graus, com descrições inequívocas.

## Só para provocar...

Antes de passarmos às ilustrações, vale destacar alguns detalhes, principalmente para abalar aqueles que acham que Maçom só veste preto. Quilos de papel e litros de tinta já foram usados para “justificar” o uso do terno preto, desde esoterismo onírico à física aplicada!

Outra coisa: falou em tirar retrato, todos assumem a tal “pose maçônica”, tipo mil novecentos e antigamente – todos imóveis, carrancudos e duros feito bonecos, como se, em plena era digital, a fotografia ainda usasse filmes de baixa sensibilidade. Ainda há os que acham que a Maçonaria é igualzinha em toda parte, que já nasceu pronta, de mala e cuia, e que hoje é a mesma do século XVIII...

Que nada!

Meu Irmão, se você for à Inglaterra, o Rito não é chamado de Escocês, mas de *Rito Antigo e Aceito* ou de *Rosy Croix*, porque só o Grau 18 é trabalhado como iniciático. Os Graus do 4° ao 17° são comunicados antes da iniciação. Espantou-se? Mas não é só isto. Há modificações bem mais drásticas!

O Ir.: Rev. **Jan L. Baderstadt**, 32°, tem uma obra muito interessante sobre os Graus do Rito Escocês no *Supremo Conselho - Jurisdição Norte*, USA, intitulada *On the Wings of the Double Eagle* (Nas Asas da Águia Bicéfala). Lembrem-se quando falei das mu-



danças nos rituais, dizendo que a aberração de hoje é a tradição de amanhã e que Maçonaria é muito mais do que a Loja de cada um? Pois veja que não acontece só aqui.

Na *Jurisdição Norte*, originalmente, a lenda do Grau 20 era sobre um acontecimento no jubileu de prata do reinado do rei Frederico, o Grande, da Prússia. Nela, antes de fechar a Loja, o Rei apresentava a águia bicéfala como um símbolo de poder da Maçonaria. Com o sentimento antigermânico por ocasião da Primeira Guerra Mundial, a lenda foi mudada.

Da mesma forma, a lenda de Aarão foi mudada no Grau 23 para uma comovente história de quatro capelães, um católico, um judeu, um metodista e um calvinista. Eles viajavam com tropas americanas no navio *Dorchester*, torpedeado por um submarino alemão. Eles já haviam salvo diversos homens presos no porão do navio que naufragava e, percebendo que não havia salva-vidas para todos, cederam os seus, perecendo no naufrágio. Essa lição de fé e altruísmo foi aprovada como a lenda do Grau em 1996, mas somente depois de muita discussão. E a lenda de Aarão foi colocada no Grau 5.

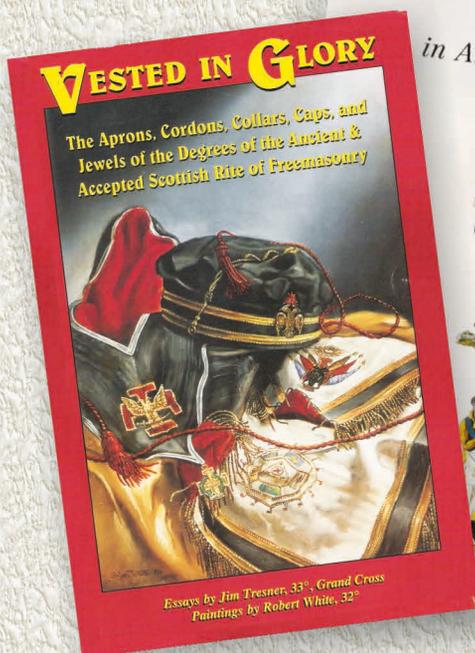
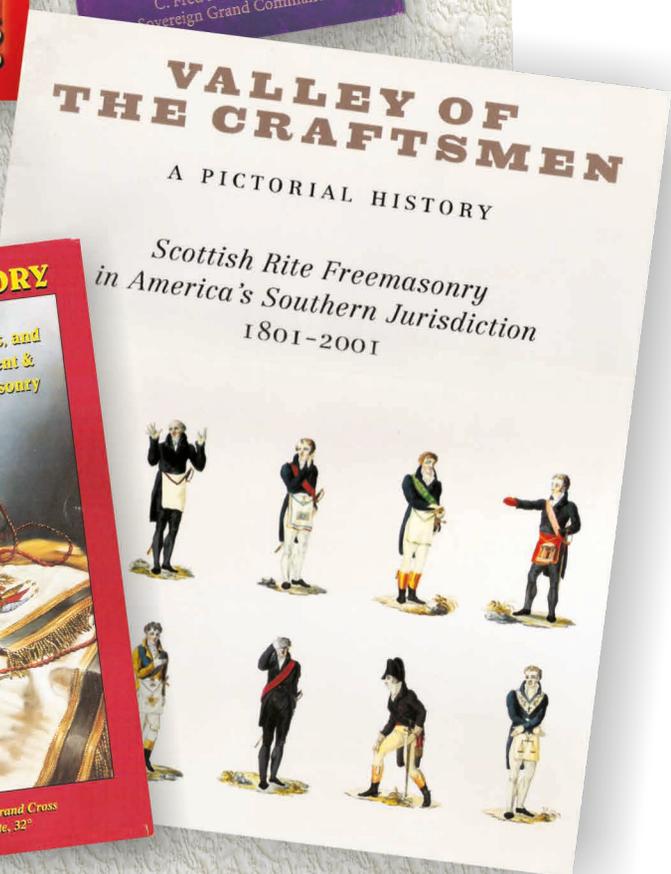
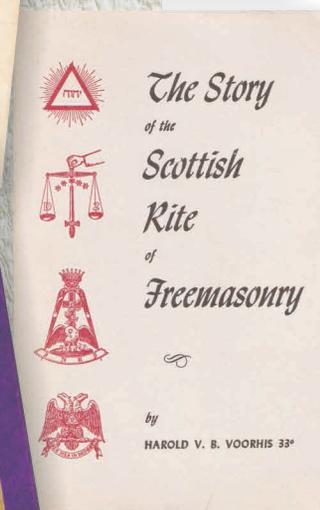
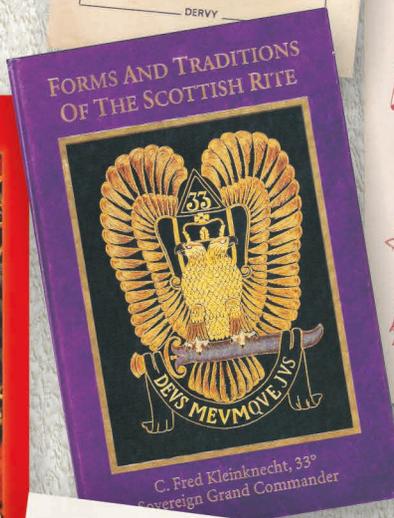
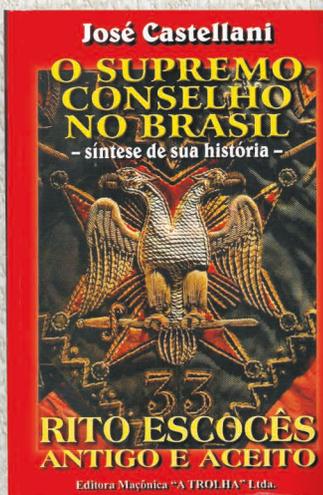
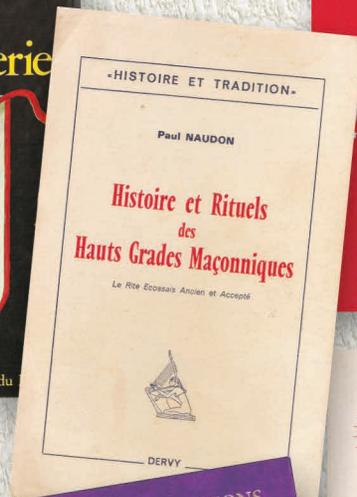
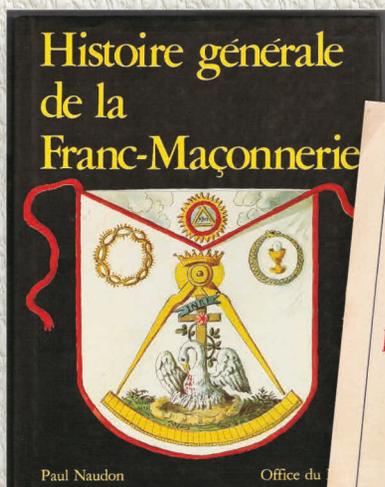
Na *Jurisdição Sul*, entretanto, a lenda continua a original.

*Finalmente...*

Bem, vamos aos painéis, ou, melhor dizendo, aos brasões tal como redesenhei.

Seguindo a tradição, eles são apresentados como escudos no formato heráldico francês, o que é coerente com a origem do próprio Rito Escocês Antigo e Aceito. Os Graus, nos painéis antigos, apre-

**Uma boa biblioteca é essencial para pesquisa. A internet, óbvio, é uma ferramenta esplêndida, mas necessita de cautela. Nem sempre a fonte é fidedigna e, por isto, sua enorme capacidade de multiplicação da informação, boa ou ruim, faz necessário que essas sejam cuidadosamente verificadas.**



sentavam mantos, escudos externos, joias, ferramentas e outros elementos, mas o essencial da lenda do Grau está contido no que está representado nos brasões. De qualquer forma, junto a cada brasão vamos apresentar o emblema heráldico completo.

A descrição, para melhor compreensão, não está em linguagem heráldica. Também, ao indicar posições, prevalece a posição do observador e não a inversa, como é praxe na Heráldica, que é a de quem sustenta o escudo. Assim, esquerda e direita, não se esqueça, têm exatamente o sentido de quem lê.

Cabe aqui também uma outra explicação

Os Maçons mais informados sabem que, nos rituais de 1928, **Mário Behring** substituiu, nos rituais do Rito Escocês Antigo e Aceito para as *Grandes Lojas*, os velhos painéis de instrução franceses originais pelos painéis de **John Harris** para o ritual *Emulação*, inglês. Do mesmo jeito, adotou as *Lectures* (Instruções) inglesas. As ilustrações dos painéis franceses e de **Harris** acompanham os brasões e os emblemas do livro italiano, para que você possa reparar nos detalhes e tirar suas próprias conclusões.

Mas história é história, não há como fugir. Os painéis verdadeiros devem ocupar seu lugar.

Além disto, os painéis das Lojas não eram impressos e sim pintados, na maior parte das vezes por artistas locais. Essa facilidade moderna que temos de imprimir em grandes tamanhos e cores infinitas nem se sonhava. Quando muito, se gravava em chapas metálicas pelos processos clássicos, sempre a mão, ou entalhava-se xilogravuras, imprimindo-se em preto e colorindo manualmente uma a uma. Esta forma individual de colorir, somada às dificuldades de comunicação, naturalmente, levaram a muitas versões diferentes. Por isto, não estranhe que tudo não seja "padronizado", como alguns mais realistas do que o rei gostariam que fosse!

Mesmo hoje, por questões de custo e de profissionais habilitados para ilustrar, em sua grande maioria os rituais dos Graus Simbólicos de todos os Ritos, como nos utilizados pelo *Grande Oriente do Brasil*, e na quase totalidade das publicações históricas, parecem monocromáticos. Há exceções, como nos rituais para o Rito Escocês Antigo e Aceito da *Grande Loja Maçônica de Minas Gerais*, que são coloridos. Esperamos que esta seja a tendência.

Ainda assim, volta e meia nos surpreendemos quando velhas tradições são revividas quando há talento disponível. No átrio do magnífico Templo Nobre do Palácio Mário Bhering, sede da Inspeção Litúrgica de Goiás, em Goiânia, GO, o Sob.: Gr.: Insp.: Litúrgico **Licínio Leal Barbosa** fez reproduzir esses painéis que aqui representamos pelas mãos de um artista excepcional! Nesse mundo cada vez mais virtual, é confortante ver que as habilidades tradicionais ainda continuam vivas, criando beleza.

Ao criar estes painéis, tomei a liberdade de representá-los dentro do mesmo padrão, omitindo os elementos externos dos brasões, tal como fez a belíssima revista italiana *L'Incontro delle Genti*.

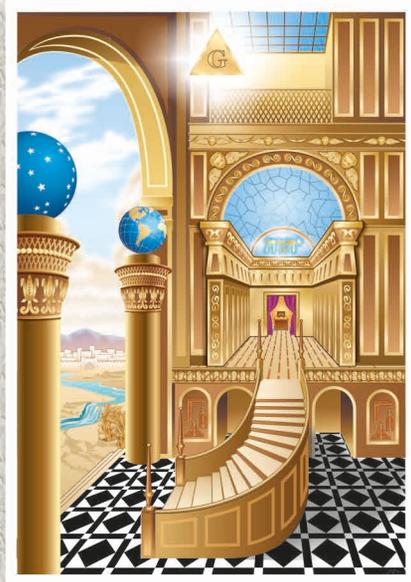
Nos rituais do Rito, como nos utilizados pelo Grande Oriente do Brasil, e na quase totalidade das publicações históricas, eles aparecem monocromáticos.

Os Irmãos do *Grande Oriente do Brasil* e dos *Grandes Orientes da COMAB* não terão dificuldade em reconhecer os brasões dos Graus Simbólicos, o que possivelmente causará algum espanto aos Maçons atuais das Grandes Lojas. Mas não se surpreendam. Aproveitem, como aconteceu comigo, para aprender com as diferenças. E observe também que, apesar das distâncias e das dificuldades de comunicação, elas não são significativas.

## Painéis de Haris



Aprendiz



Companheiro



Mestre



# Painéis franceses



Aprendiz



Companheiro



Mestre

## Grau 1

### Aprendiz Maçom

O escudo é partido em duas tonalidades de azul. Na parte em azul escuro, representando a noite, à esquerda de quem olha, estão a Lua e as estrelas mais representativas da abóbada, além das chaves do alfabeto maçônico. Na parte em azul claro, representando o dia, estão o Sol e o malho & cinzel entrelaçados. O esquadro e o compasso entrelaçados superpõem-se em ambos os campos na posição do Grau de Aprendiz. Sobre uma base cor de terra, assentam-se uma representação simbólica do Templo, apoiado e três degraus, com suas duas colunas, ambas encimadas por romãs. Sobre ambas as partes, uma corda com nós abraça todos os elementos. O brasão italiano é branco, sobreposto a um brasão barroco vermelho.



## Grau 2

### Companheiro Maçom

O escudo é semelhante ao do Grau de Aprendiz em divisões e cores, mas o chão de terra foi substituído por um pavimento mosaico. Continuam a Lua e as estrelas no fundo azul noturno e o Sol no azul diurno, bem como a corda, o Templo, as colunas e mais o esquadro & compasso entrelaçados, só que na posição do Grau de Companheiro. A diferença é que sobre o Templo, na parte noturna há um globo celestial e, na parte diurna, um globo terrestre. Vale notar que em nenhuma das representações pesquisadas se alterava a posição das letras J e B nas colunas! O brasão italiano do Companheiro é branco e também sobreposto a um brasão barroco vermelho.



## Grau 3

### Mestre Maçom

Também partido, mantendo o azul noturno à esquerda de quem olha, com a Lua, as estrelas e agora o Sol. O Templo está apoiado ainda sobre cinco degraus e não sobre sete, como seria de se supor. Tanto ele como os degraus e o pavimento estão cortados pela partição negra à direita, alusão óbvia ao luto por **Hiram Abif**, o que é confirmado pelo crânio e tíbias cruzadas e as sete lágrimas de prata à volta.

Abaixo deste conjunto, um macho e um cinzel de prata estão cruzados e superpostos a um Esquadro também de prata. Confira com o antigo painel de instrução francês e com o brasão italiano, que no Grau de Mestre Maçom é azul. Você reparou que os brasões do Aprendiz e do Companheiro são brancos e o brasão

do Mestre é azul? É bem possível que isto nos remeta às cores dos aventais dos Graus nas velhas tradições. Até hoje os aventais de Aprendizes e Companheiros no Rito dos Antigos era inteiramente branco e o do Mestre, orlado de azul.

## Grau 4

### Mestre Secreto

Na leitura dos nossos rituais, o escudo do primeiro dos *Graus Inefáveis* é branco, semeado de gotas de sangue em vermelho e orlado de azul, com uma chave de marfim na base, sobre cujo segredo está a letra **Z** em negro. Sobre ela, estão unidos dois ramos por uma fita azul, um de loureiro e outro de oliveira, envolvendo um círculo roxo, onde está inscrito um triângulo negro. No triângulo, há uma estrela em ouro, bordada de azul, onde está inscrita em relevo a letra **Iod**. Abaixo dos ramos e sobre a chave, estão um candelabro de sete braços (*Menorah*), à esquerda, e a tábua da Lei à direita.

O fundo do brasão italiano é negro e as cores são diferentes, mas os elementos são os mesmos, exceto pelas gotas de sangue, que no brasão italiano são lágrimas prateadas, e no centro da estrela, no

lugar do **Iod**, há uma pétala negra com om ponto dourado. Segundo os autores de *Gli Emblemi Heraldici*, este Grau foi praticado na Loja escocesa de Bordeaux, na França, por volta de 1750.

O Ir.: **C. DeForrest Trexler**, 33°, em *The Degree Rituals of The Supreme Council, 33°, AASR, for the Northern Masonic Jurisdiction United States of America*, um excelente panorama dos Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito tal como praticado na *Jurisdiction Norte*, lembra que o ritual do Grau 4 constava no manuscrito de **Henry Francken** de 1783, cópia do dos rituais de **Etienne Morin** que resumia os 25 Graus do Rito de Perfeição e era bem mais simples, uma reunião de **Mestres Secretos** para “*completar a lacuna entre os guardiães do Santo dos Santos*”.



## Grau 5

### Mestre Perfeito



O escudo é verde claro, semeado de gotas douradas e orlado de prata. Na base, há um compasso, aberto em 60°, semelhante ao ângulo do triângulo equilátero, sobre um aro de círculo, ambos em ouro, que formam a joia do Grau. Sobre ele, estão três círculos concêntricos em ouro. Sobre o fundo verde escuro do círculo interior, há um quadrado em ouro, com a letra **J** em relevo.

O brasão italiano é semeado de estrelas, no lugar de gotas, e os aros dourados estão inscritos em um medalhão dourado. Crê-se que este Grau já fosse praticado na *Loge des Parfaits Elus* (Loja dos Perfeitos Eleitos) de Bordeaux, na França, já por volta de meados do século XVIII.



## Grau 6

### Secretário Íntimo

O escudo é branco, orlado de vermelho. Na base, há duas espadas com lâmina de prata e punho de ouro, sobre um antigo pergaminho enrolado, que se referia, originalmente, entre o tratado entre os reis **Salomão** e **Hiram de Tiro**. Sobre este conjunto, três triângulos entrelaçados de ouro. Os três triângulos também aparecem na joia do Grau, embora dispostos de outro modo.

Não há diferença alguma entre as diversas versões dos brasões.

Curiosamente, a descrição italiana refere-se à figura dos três triângulos entrelaçados como emblema das virtudes teológicas dos três principais protagonistas, **Salomão**, **Hiram de Tiro** e **Hiram Abif**. E menciona que este Grau foi praticado na *Loja Escocesa de Bordeaux*, na França, por volta de

1750, lembrando que o escocês da loja refere-se ao Rito, não à nacionalidade.

(continua)





# A SEGUNDA LEI DA TERMODINÂMICA E A AÇÃO HUMANA NO MUNDO

Ir.: *Sérgio Donaire, 14º*

ELP Dr. “Álvaro Figueiredo”, Americana, SP

**S**ou um livre-pensador, que busca estabelecer paralelos entre Ciência e Espiritualidade, mostrando que as duas podem caminhar juntas.

Imagine uma pedra caindo. Ela possui Energia Potencial (pela sua posição, sua altura do solo) e Cinética, relacionada ao seu movimento. Quando se choca com o solo, converte parte da energia de seu movimento em calor e desagregação, neste caso, um desperdício, por assim dizer, uma energia caótica, uma energia desorganizada.

A forma como o Universo está disposto, faz-nos acreditar que toda energia “organizada” tende a se desorganizar. Mas, será sempre assim?

Quando eu penso, ou ajo, eu consigo organizar a energia, ao invés de desorganizar... Hum... Agora você deve estar pensando: como explicar os processos que organizam a vida?

## CORRELAÇÕES ENTRE A FÍSICA MODERNA E A ESPIRITUALIDADE

Este é o ponto no qual queremos refletir.

Os processos vitais, corpóreos quanto mentais, muitas vezes criam estruturas mais organizadas. Ou seja, a energia, através da ação do ser humano sobre o mundo, assume formas mais organizadas, ou, segundo a Cabala, se eleva misticamente.

O que destaco e proponho neste ensaio é que justamente isto não ocorre ao acaso.

Vamos voltar às definições clássicas da Ciência. A Segunda Lei da Termodinâmica procura estudar as limitações a que estão sujeitos os processos, determinando o sentido em que ocorrem essas transformações, através da função Entropia.

**Entropia:** quando ocorre uma transformação termodinâmica, uma par-

te da energia é aproveitada e uma outra é desperdiçada, de forma desorganizada e aparentemente inútil, conhecida como energia térmica. A Entropia mede a “degradação” da energia organizada para uma energia desorganizada.

Nos processos naturais (irreversíveis) a Entropia aumenta. Se admitirmos que o Universo seja um sistema isolado, a Entropia do Universo sempre aumentaria.

E nós, seres humanos? Vamos tentar imaginar se a vida é um processo organizado ou desorganizado. O que você acha?

Talvez não sejam necessários muitos argumentos para convencê-lo que os processos vitais são altamente organizados, complexos, perfeitos, preparados, sábios, por que não dizer? E quanto à criatividade? O ser humano tem a capacidade de ordenar a bagunça, por assim dizer, em seu nível mental, por sua decisão própria e em seu corpo, que sabiamente (e não por acaso) possui mecanismos organizadores autônomos. Os processos vitais, em sua



constituição, física e mental, permitem que a bagunça, a desordem, sejam organizados, ou sejam, diminuam a Entropia.

Nos foi dado o livre-arbítrio.

Nos foi dada a opção de imitarmos o Eterno, nosso Deus, de auxiliarmos em sua Obra Criadora, de sermos “realmente uma parte do Deus acima”.

A noção de Entropia foi desenvolvida numa época em que a preocupação dos cientistas era a de estudar as condições através das quais o Calor pode ser convertido em Trabalho.

Pense bem: o quanto de seu Calor, digo, do Calor de seus pensamentos, do Calor de seu coração, tem se convertido em Trabalho que eleva e dignifica a Vida? Com seu trabalho, com sua imaginação bem conduzida, com sua ação neste Mundo, podemos melhorá-lo. Assim, com a sua criatividade aplicada, elevando este Mundo, você estaria “negando” (força de expressão) aquela lei do aumento da Entropia (bagunça). No conceito da Cabala, revelando Deus neste Mundo.

Como concebemos intuitivamente que tudo neste Mundo foi criado e está sob as Leis de Deus, portanto, as leis da matéria, as leis científicas, não se opõem às leis morais, às leis espirituais, digamos assim. Qualquer contradição aparente é um ponto a desenvolvermos, pois como sabemos e acreditamos: “O Eterno é nosso Deus, o Eterno é Um”. O Grande Arquiteto do Universo... (o termo *arquiteto*, proveniente do grego, significa construção primordial).

A dualidade Energia organizada versus Entropia é apenas uma outra forma de se colocar a questão do dualismo da Criação. Isto não foi à toa. Há o mundo “*Olam*” e há o ser humano “*Adam Kadmon*”. Com sua ação consciente deve evitar a tendência ao caos, a tendência de aumento da Entropia, *Yetzer HaTov* (a boa inclinação da Alma) sobrepujando *Yetzer Hará* (a má inclinação da Alma).

Observe os fenômenos ao seu redor. As águas de um rio movimen-

tam-se devido a um desnível; o fluxo de água pode ser utilizado para gerar Trabalho e mover turbinas de usinas hidroelétricas ou mover moinhos. Você, meu amigo, não deixe suas águas paradas. Transforme-as em Energia. É isto o que quer nos dizer a Natureza. Entretanto, a mesma água, estando parada num lago, por exemplo, não é capaz de gerar trabalho, pois não há fluxo. Aqui se vê outra relação importante: a vida é fluxo, a vida é movimento. Lembrando daquela outra definição científica: Trabalho é igual à Força vezes o Deslocamento. Portanto: entre no movimento da vida, desloque-se, provoque a mudança, transforme o mundo: *Tikun Olam*, conforme dizem os sábios.

Uma xícara de café quente deixada sobre a mesa esfria, isto é, entra

em equilíbrio térmico com o meio ambiente. Deixa de haver fluxo de calor do café para o meio externo. Ao contrário disso, sejamos parte do fluxo que vem de Deus. Contribuamos para aquecer nossos semelhantes e vice-versa. Fazendo assim, acreditando que somos parte do Eterno, nosso Deus, voltaremos a semear a grande força criadora e agregadora, o Amor. ▲

Para maiores estudos:

*Física Quântica*, Eisberg & Resnick

*Bíblia*, Livro Gênesis (Bereshit)

*Taniya, Likutei Amarim* – Reb

Schneuer Zalman de Liadi

**WORLD'S FAIR**  
**CHICAGO**

MAY 27  
to  
NOV. 1  
1933

SPECIAL REDUCED RAIL FARES **CANADIAN PACIFIC** FAST CONVENIENT TRAIN SERVICE





Ir.: *Carlos Alberto Carvalho Pires*

Na Idade das Trevas, quando o espírito repressor de quem detinha o poder podia atingir limites inimagináveis, uma terrível Cruzada irrompeu no sul da Europa. As vítimas foram membros de um pequeno grupo religioso, conhecido posteriormente como catarismo. Tal movimento, cuja origem e evolução ainda não foram satisfatoriamente explicadas, deixou como legado um grande exemplo de luta e coragem, raramente visto em outros momentos.

Vamos realizar, ao longo deste trabalho, uma breve viagem no tempo. Voltaremos até o final do século XI e início do XII, em uma área situada ao Sul da atual França. Essa região, de grande beleza natural, era povoada por uma comunidade feliz, tranquila e extremamente avançada para a época, em termos de bem-estar e harmonia social. Havia riqueza abundante e fartura material, raras na Europa Medieval. Em termos políticos, era um oásis de liberdade, pois se tratava de um território praticamente independente de qualquer poder central. Alguns au-

tores acreditam que ali os Templários iriam fundar seu Estado, se não tivessem sofrido os reveses do início do século XIV.

Tudo caminhava em paz, até que a extrema arrogância de poucos acabou com esse paraíso na Terra. Disfarçados de defensores de Deus, os algozes, na verdade, queriam a incorporação política da região ao reino da França. Ao lançarmos luzes sobre os meandros, que envolveram esse triste capítulo, uma certeza inquestionável nos é apresentada: os fundamentos doutrinários de nossa Ordem foram fortemente influenciados por toda essa complexa situação e posteriores desdobramentos, advindos dessa experiência histórica. Portanto, ao estudarmos esse assunto, estaremos entendendo, um pouco mais, o próprio fenômeno maçônico.

Em meados do século XI, ao Sul da atual França, na região, antigamente, conhecida como Ocitânia, hoje, denominada Languedoc – ambos os termos significando *terra da língua do sim* – surgiu um movimen-

to fundamentalista cristão, pacífico, que via no exemplo de vida de Jesus, simples e sem luxo algum, a base de sua doutrina. Acima de tudo, a palavra de ordem era humildade - desprezando a soberba, a arrogância e os valores mundanos.

Os integrantes desse movimento foram chamados, pelos historiadores eclesiais, de “Cátaros” – derivação de *katharoi*, puro, em grego. Considerado uma heresia pela cúria romana, tal movimento agregava integrantes de todas as classes sociais, sem distinção entre os sexos. Uma vez que o termo “heresia” deriva do latim *haeresistia*, que, por sua vez, veio do grego *haïresis*, que significa capacidade de escolher, heresige tornou-se sinônimo de Cátaro.

Pregando o retorno ao Cristianismo primitivo, desprezavam a intermediação de qualquer instituição terrena nas questões de fé, defendendo a ligação direta dos servos com o Divino. Argumentavam que não se apregoa, em nenhum momento, nos Evangelhos, a existência da Igreja ou de qualquer autoridade re-



**Na região do Languedoc, no Sul da França, ainda jazem as ruínas dos muitos castelos que foram arrasados pelos cruzados de Simon de Montfort, como o aparentemente inexpugnável Montségur.**

glatória da espiritualidade das pessoas. A salvação viria em seguir o exemplo de Jesus, com uma vida serena, livre de qualquer vaidade relativa ao mundo material. De nada adiantaria a existência de uma Igreja, como forma de canalização da vontade de Deus em relação às questões seculares – esta, talvez, fosse a maior das heresias: afirmar que não haveria justificativa para a existência da estrutura eclesiástica. A busca do divino através de experiências místicas diretas era uma das suas principais características. Desejavam uma comunhão direta com o Criador, transcendendo o campo pessoal. Para isso, teriam que atingir a sabedoria superior – a chamada *Gnose*.

Como principal texto doutrinário, utilizavam o Evangelho de São João e o chamado *Evangelho do Amor*, texto não reconhecido pela Igreja. Realizavam obras sociais concretas, ajudando os necessitados de diversas maneiras, pois acreditavam que a fé só seria uma experiência válida se exercida na prática. Investiam, por exemplo, em campanhas de promoção à saúde e educação, sempre gratuitas. Nesse ponto, percebemos que a preocupação com a filantropia, tão em voga atualmente, já existia nesta época. Seria uma forma de busca da perfeição como ser humano, ou de aproximação com o divino.

Por não exercerem nenhuma forma de hierarquia, respeitando os credos diversos e pela união sincera entre todos, podemos afirmar que exerciam fielmente os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Em relação à Arquitetura, deixaram um grande legado. Construíram castelos maravilhosos e abadias grandiosas em regiões de difícil acesso, nos cumes de montanha e perto de precipícios.

Além de proteger contra ataques, possibilitava aos fiéis observarem vistas maravilhosas das paisagens, a partir de suas sacadas. Hoje, tais obras são famosos pontos de turismo e visitação.

Revestido pelo caráter humanístico, aceitando todos indistintamente e primando pelo exercício pleno da filantropia, tal movimento crescia vertiginosamente e começava a incomodar as autoridades eclesiásticas.

Pelo conjunto de ideias em franca disseminação e pelas ações junto às comunidades, os chamados heréticos se tornaram alvo da atenção do Papado e da Coroa da França. Em 1.165, houve a primeira condenação formal, realizada na cidade de Albi, localizada no Languedoc. Desse fato, deriva o termo *Al-*

*bigense*, utilizado para denominar a Cruzada e, também, o próprio movimento.

O papa **Inocência III** convocou os fiéis para uma ação religioso-militar, conhecida como *Cruzada Albigense*. Sob a liderança de **Simon de Montfort**, no período de 1209 a 1224, e depois comandada pelo rei **Luís VIII**, de 1226 a 1229, foi a primeira a combater apenas no continente europeu. Outra particularidade era que o alvo se constituía não por mouros invasores da Terra Santa, mas por uma pacífica comunidade cristã. O absurdo da situação espelhava o caos que imperava nas colunas paulinas e o total desprezo à dignidade humana.

No primeiro ano, um contingente de trinta mil cruzados se lançou rumo ao Languedoc, não apenas com-

**Simon de Montfort, o rei de França Luís VIII e o papa Inocência III, os três principais protagonistas desta história de horror.**



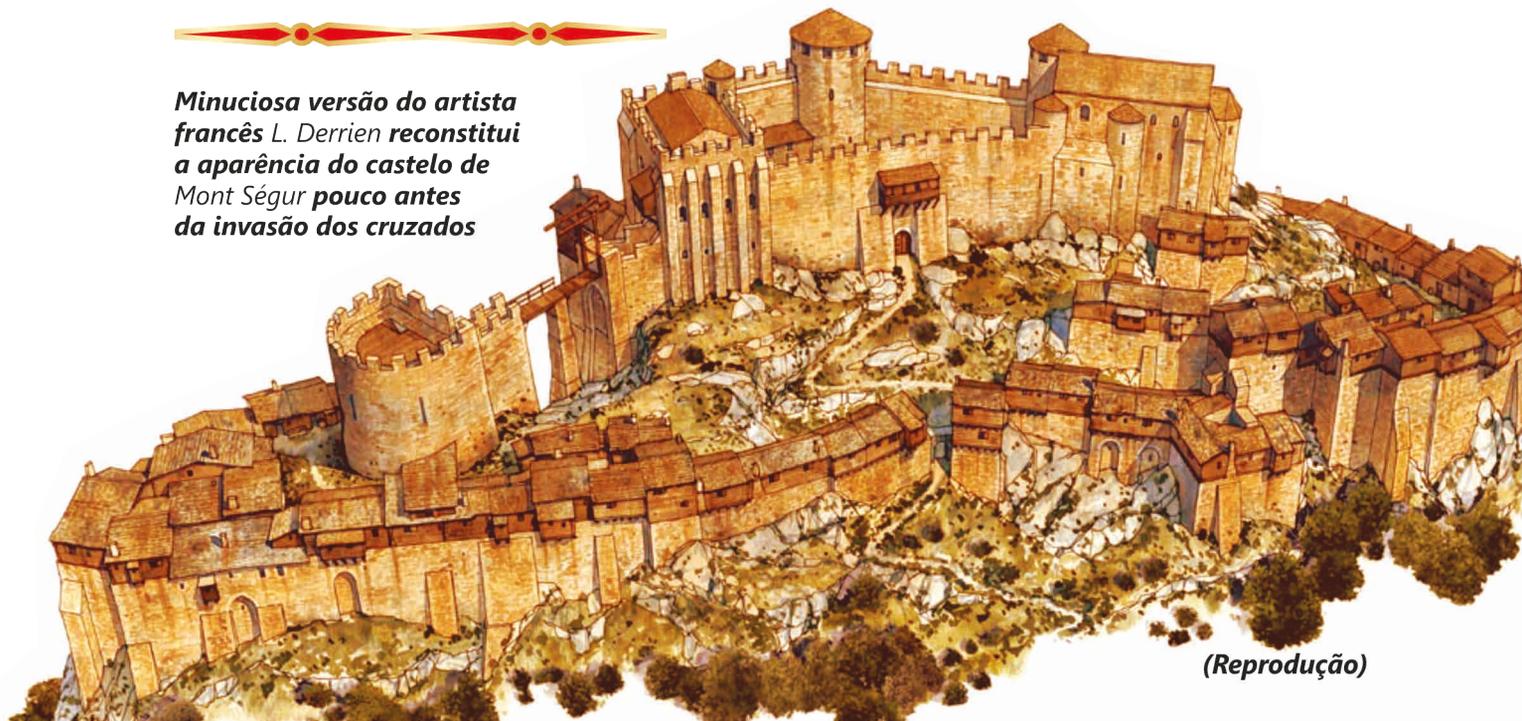


batendo os cátaros, mas todos aqueles que se encontravam pela região. Quem surgisse pela frente sofreria as ações violentas, mesmo sendo católico fiel. Os “cavaleiros” foram alistados entre os piores tipos disponíveis, como condenados, desordeiros e mercenários. A violência contra a população foi extremamente severa. Os registros da época nos mostram um horror e uma carnificina sem igual na história ocidental. A turba feroz e enlouquecida, fortemente armada, arrasava pela espada tudo que se mexesse. A ordem do dia era ataque primeiro e pergunte – ou ore – depois...

Apenas na cidade de Béziers, em 1209, mais de sessenta mil sucumbiram queimados ou esquartejados. Existe a lenda de que, às portas da cidade, os cruzados relutaram por um momento antes do confronto, ao perceberem que havia muitos católicos e pessoas comuns pela cidade. Mas foram incentivados pelo prelado do Vaticano, ali presente, o arcebispo **Arnaud Amaury**, que tranquilizou os presentes, dizendo que matassem todos, “*porque deus iria cuidar dos seus, posteriormente*”.

Arrasada a cidade de Béziers, os cruzados marcharam triunfalmente para Carcassonne, onde **Simon de Montfort** se apossou dos condados de Trencavel, Alzonne, Franjeaux, Mirepox, Pamiera e Albi. Em todos, a matança foi maciça e cruel. Muitos eram queimados vivos, em fogueiras coletivas com até quinhentos indivíduos. Mulheres, crianças, idosos e deficientes não eram poupados. O ânimo dos “guerreiros” era estrondoso, porque sabiam que, se combatessem fervorosamente por quarenta dias, teriam seus pe-

*Minuciosa versão do artista francês L. Derrien reconstituiu a aparência do castelo de Mont Ségur pouco antes da invasão dos cruzados*



*(Reprodução)*



**Iluminuras medievais nas crônicas que reportam a cruzada albigense:**

1. *Inocência III e seus legados;*
2. *Enviados do papa junto ao rei Luís VIII de França;*
3. *O papa excomunga os hereges;*
4. *Cruzados massacram os cátaros.*

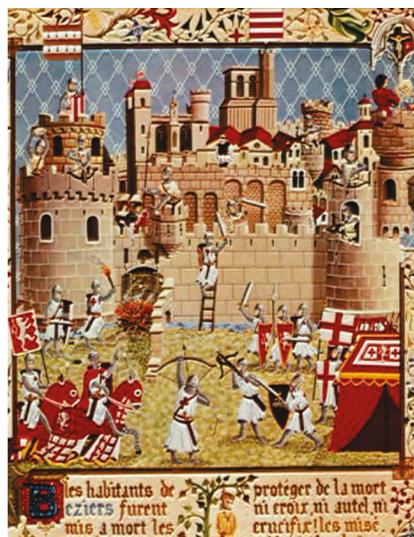
cados perdoados e direitos legítimos às riquezas, originadas dos saques.

Há de se registrar a postura solene e tranquila da maioria das vítimas ao se encaminharem para o sacrifício, sem lamúrias nem choro, em sua fé inabalável, servindo como sustentáculo espiritual naquele momento de horror. Mesmo quando a única certeza era queimar lentamente em uma fogueira humana.

Por volta de 1224, o rei Luís VIII, liderando os barões do Norte, empreendeu uma nova cruzada, após a morte de Montfort, em 1218. Essa empreita durou cerca de três anos e chegou até Avignon, onde terminou o cerco aos hereges. Em 1229, foi realizado um acordo, conhecido como tratado de Meaux, entre o rei da França e os senhores feudais das áreas conquistadas, passando o domínio completo para a coroa francesa. Terminava oficialmente a guer-

ra. A anexação plena da região havia sido obtida.

No curto espaço de tempo em que durou o massacre, centenas de milhares tombaram. Os números são



variados e não muito confiáveis. A única fonte de registro oficial pertence aos arquivos dos vencedores. Alguns autores mencionam quase um milhão de vítimas, trucidados diretamente em combate ou nas fogueiras acesas após a conquista das cidades. Os poucos aprisionados terminavam agonizando em masmorras subterrâneas, caquéticos pela fome ou consumidos por doenças. A morte, nesses casos, era lenta e terrivelmente cruel.

Após arrefecer a fúria cruzada, os sobreviventes passaram a pregar, como faziam os primeiros cristãos, em catacumbas, cavernas e nas florestas. Isto porque a cruzada albigense, apesar de sua brutalidade atroz, não fora suficiente para exterminar todos os indivíduos nem tampouco seus ideais.

**Duas interpretações do massacre de Béziers, uma medieval e outra de pintor contemporâneo, são evidências de que o ultraje não foi esquecido oitocentos anos depois.**



O massacre de Béziers, do pintor francês Jacques Fauché (1927-2013)





O fortalecimento da Igreja e sua hegemonia como "representante única de Deus na Terra" estavam garantidos. Porém, ainda havia reminiscências que deveriam ser resolvidas. A perseguição deveria persistir, mas de forma pontual e constante. Alguns hereges haviam escapado. Juntamente com outros que maquinavam contra a "fé sagrada", necessitavam ser corrigidos. Não mais seria possível – nem interessante –

**Perguntado pelos soldados como separar os cátaros dos católicos por um soldado, o arcebispo Arnaud Amaury teria replicado:**

– *Mate todos. Deus reconhecerá quais são os Seus...*

**Aqui, o 'piedoso' prelado aparece junto com outros religiosos, como S. Domingos de Gusmão, que se reconhece pelo halo à volta da cabeça.**

**Lamentavelmente, a Ordem dos Pregadores, ou Dominicanos, seria utilizada nos processos da Inquisição.**

empreitar uma nova cruzada. Estava indicado o uso de métodos mais "inteligentes", sem grande estardalhaço, mas com a mesma crueldade dos anteriores, marcando com sangue a vontade soberana do poder.

Em 1231, já refletindo esse novo *modus operandi*, o papa Gregório IX lança a bula *Excommunicamus*. Tal documento estabelecia a nova forma de ação, buscando a confissão dos hereges em julgamentos eclesiásticos. Encarregados de tais missões, surgiam as "cortes", chamadas genericamente de *Tribunal do Santo Ofício*. Os que pensavam de forma contrária ao "bom senso" reinante estariam sujeitos à perda de propriedades, da liberdade e da própria vida – sua e daqueles que os protegessem. A nova diretoria aproveitava para proibir a manutenção de Bíblias nas casas de pessoas comuns.

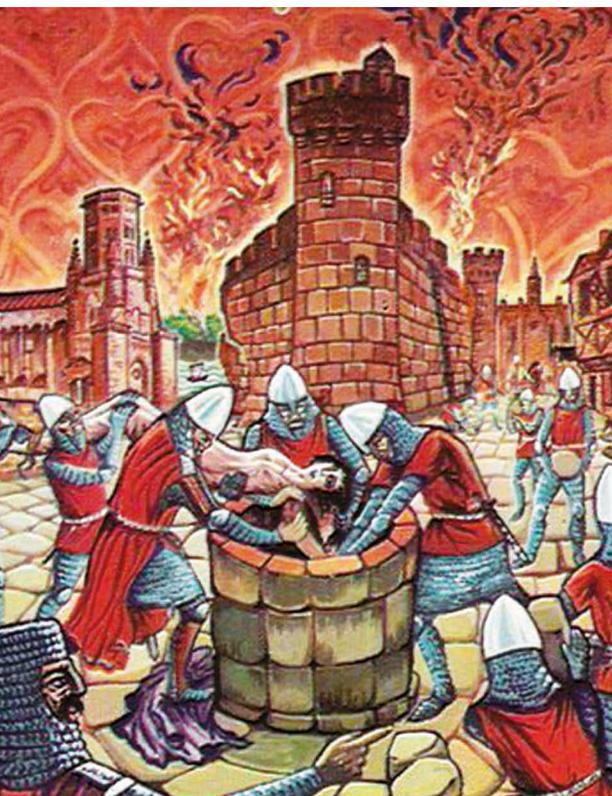
Em 1233, o mesmo Gregório IX lançou duas bulas que efetivavam as ações do Tribunal do Santo Ofício. Destaca-se a bula *Licet et Capiendos*, dirigida aos Dominicanos.

Determinava que seriam estes os responsáveis pelas ações contra os suspeitos. Ordenava que não pusessem métodos para obter as confissões. Exigia apoio do poder secular, privando os pecadores dos benefícios espirituais com severas censuras eclesiásticas.

No ano de 1252, o papa Inocêncio IV publicou o documento *Ad extirpanda*, autorizando o uso de tortura física para se obter confissões. Além de trazer uma série de orientações aos inquisidores, continha uma frase que resumia bem os ânimos da época: "os hereges devem ser esmagados como serpentes venenosas". O conjunto de ações direcionadas a inquirir ou questionar o comportamento dos desgarrados ficou conhecido como *Santa Inquisição*, nome que se tornou sinônimo de tortura, horror e irracionalidade.

O mundo ocidental atravessava uma fase de trevas. Para nós, em pleno século XXI, é quase impossível imaginar o grau de terror a que a população em geral estava sujeita. Qualquer denúncia podia gerar os mais dilacerantes sofrimentos. Milhares foram torturados. A criatividade humana projetava os mais engenhosos instrumentos, construídos exclusivamente para causar dor. A confissão era essencial para que os bens do infiel escoassem diretamente para os cofres do clero. O medo se espalhava nas pequenas comunidades. À chegada das comitivas da Inquisição, seguiam-se as cenas de brutalidade, que culminavam em fogueiras humanas em locais públicos. Os "julgamentos" eram aberrações jurídicas. Enquadrado por heresia, bruxaria ou qualquer outro comportamento não muito cristão, o infeliz não tinha a mínima chance de escapar.

Essas manifestações tenebrosas de autoritarismo teriam efeitos nas almas daqueles que não aceitavam esse desrespeito flagrante aos direitos humanos. Do campo teórico, esses bravos partiram para a prática. Reunidos em associações secretas, começavam o trabalho de resgate dos mais nobres valores, como integridade física, liberdade e igualdade. Nessas entidades seria essencial a escolha criteriosa dos membros, pa-



**Esta página de uma crônica dos tempos medievais, mostra o suplício de Dama Geralda, castelã de Lavaur, capturada por Simon de Montfort, em 1211, atirada em um poço. Naquele incidente, 400 cátaros foram lançados às chamas em nome da pureza da fé...**



**Expulsão dos cátaros da cidade de Carcassonne, em 1209. Homens e mulheres receberam maus tratos igualmente por causa de suas crenças e práticas religiosas. A coroa francesa soube aproveitar da desventura dos nobres e povo do Languedoc para anexá-los.**

ra evitar que maus elementos os espíritos se infiltrassem. Os segredos que porventura existissem deveriam ser garantidos por julgamentos severos. A fraternidade tinha que ser perfeita entre todos, como se fossem irmãos de sangue. O objetivo, inicialmente, seria proteger os perseguidos pelos tiranos. Passada a fase mais sangrenta, as metas seriam ampliadas. A busca pela evolução geral da humanidade, até mesmo para evitar catástrofes como essas se repetissem, passaria a ser a razão de existir dessas sociedades esotéricas, cercadas de símbolos e mistérios iniciáticos.

Para a maioria dos estudiosos, as origens da Maçonaria se dispersam nos registros formais da historiografia. Não temos uma única e definitiva versão desse processo. Os dados oficiais, em grande parte, se perderam ao longo do tempo. Devido à perseguição visceral, os antigos irmãos se viram obrigados a, maciça e eficientemente, destruírem atas, livros e todos os documentos que seriam valiosos aos estudos contemporâneos.

O que existe de real e incontestável é que, no início, éramos uma sociedade que visava proteger homens perseguidos por qualquer forma de tirania. Os riscos, a que todos estavam sujeitos, eram tão terríveis que juramentos e códigos severos de conduta se tornavam essenciais.

Certamente a aproximação dos cátaros e nossa Sublime Ordem se estabelece de forma direta, em uma relação simples de causa e efeito. Sem a existência dos eventos aqui estudados, talvez faltasse a motivação para que os Irmãos do passado se dedicassem tanto à criação e fortalecimento das Colunas seminais da Loja. Os Germes das escolas iniciáticas, formadas por homens livres, que necessitavam de proteção mútua, se lançavam ao custo de muito trabalho, sangue e dedicação nesse alvorecer da humanidade.

Podemos afirmar que se o catarismo não tivesse ocorrido – assim como sua aniquilação sangrenta posterior – talvez a mais perfeita das associa-

ções humanas jamais tivesse existido. Foi esse, perturbadora e fascinante, que nos levou a pesquisar sobre o assunto.



**Monumento aos cátaros em Minerve, na Ocitânia, onde ainda se comemora o dia de Montségur, com destaque para a pomba, um dos símbolos maiores do catarismo. Abaixo, a cruz dos condes de Toulouse, também chamada de cruz cátara.**





Ir.: *Jeferson de Andrade Hartemink*

Loja Simbólica Farol Guia das Missões n.º 69, Santa Rosa/RS



Desde que o mundo é mundo as pessoas buscam superar as dificuldades lhas apresentadas, competindo entre si por uma vida melhor.

Certo dia li o seguinte trecho do livro de *Paul Gallico*, intitulado “*O Destino do Poseidon*”, constante na pág. 13, da edição de 1969, da Editora Edibolso, que transcrevo:

‘Realmente, chegara a dizer, durante o sermão: “Deus quer vencedores! Deus ama a quem compete. Não vos criou à sua imagem para serdes perdedores. Não gosta de quem desiste, de quem choraminga ou de quem pede. Todas as provas a que ele vos submete são atos de adoração. Respeitai e defendei a vós mesmos, pois estareis respeitando-o e adorando. Fazei com que ele saiba que, se ele não vos puder ajudar, vós tendes a coragem e a força de vontade para suportar tudo sozinhos. Lutai por vós, que ele lutará ao vosso lado, mesmo sem ter sido chamado. Se triunfardes, será por-

que o aceitastes e ele está em vós. Se desistirdes, vós o tereis negado”!’ (*Gallico, Paul*, *O Destino do Poseidon*, Ed. Edibolso, 1969, pág. 13)

Após a leitura, comecei a refletir, imaginando que o sistema capitalista, que tem como base a livre iniciativa, a propriedade privada e a livre concorrência e que sustenta uma educação voltada à competição, apesar de trazer mazelas à sociedade, possui também alguns pontos positivos a serem observados. Refiro-me ao sentido de dar propulsão à evolução do homem, como indivíduo que necessita de aperfeiçoamento pessoal para a superação de suas dificuldades e conseqüentemente, crescimento qualitativo indireto da vida coletiva. Se você não se esforça, fisicamente ou mentalmente, acaba por sucumbir. Desumano ou não, é o sistema. Apesar disso, a necessidade de superação em razão da competitividade, gera crescimento, criações, inovações.



Como exemplo disso, registro a criação do telefone celular. Alguém suou a camisa para que ele surgisse e nos primeiros tempos de sua criação, apenas poucos tinham condição de usufruir deste bem. Apesar disso, atualmente, ao contrário dos primórdios do lançamento do produto, muitas pessoas, ainda que de baixa renda, podem ter acesso a ele.

Prosseguindo, em contraposição ao sistema capitalista, o sistema comunista/socialista, que tem como base a sobreposição do Estado e o fim da propriedade privada ou pelo menos sua mitigação, sendo às vezes autoritário e ditatorial, e que muitas vezes prima por uma educação onde não haja competição entre as pessoas, entendendo que todos são plenamente iguais em condições ou que deveriam ter um tratamento que forçasse esse entendimento, peca no sentido de forçar essa igualdade de desiguais, desestimulando alguns que teriam um potencial maior.

Ocorre que a ideia de que não deveria haver competição entre as pessoas e de que todos deveriam possuir o mesmo valor e a mesma compensação, independentemente do esforço, qualidade e labor, promove o enfraquecimento do espírito, fazendo com que aqueles que poderiam produzir seus trabalhos com maior qualidade/quantidade acabem por se inibir e perder o sentido da existência terrena. E aqueles que não sentiriam a necessidade de buscar algo se acostuariam a receber os benefícios concedidos aos sem superação. Desta forma, a humanidade tornar-se prejudicada, pois a evolução intelectual e conseqüentemente a melhoria material da qualidade de vida, com novas invenções e criações, perderia tempo e espaço.

Por mais fraterno, coerente e razoável que seja o entendimento de que não deveria haver competição entre os homens e que todos deveriam viver e conviver em completa harmonia, este entendimento traz consigo o enfraquecimento do espírito, pois como não posso buscar mais, por que deveria me esforçar?

Alguns anos depois, estando a ler outro livro, intitulado "Um Conto de Duas Cidades", de **Charles Di-**

**ckens**, que tem como pano de fundo as cidades de Londres e Paris à época da Revolução Francesa, deparei-me com o seguinte trecho do livro:

"Pois nesses tempos, quando o reparador de estradas trabalhava, solitário, no pó, quase nunca parando para refletir que do pó viera e ao pó retornaria, já que estava quase sempre pensando, em vez disso, no pouco que teria para comer e no quanto seria capaz de comer, se pudesse dispor de mais comida..." (**Dickens, Charles**; Um conto de duas cidades, ed. Nova Cultural, 2002, pág. 266)

Enfim, após lê-lo, lembrei-me da crônica sobre a importância da competição entre os homens e então passei a refletir até que ponto um ser humano, nas condições do reparador de estradas da França do séc. XVIII, poderia competir ou pensar em competir para ou por alguma coisa.

Se uma pessoa na situação dele não tem condições de pensar nas coisas do espírito, na fé, em DEUS, no Grande Arquiteto do Universo, em algum projeto pessoal, enfim, de que forma ela própria e a sociedade poderiam melhorar por seu comportamento competitivo? E se fossem dadas condições mínimas a ela para que pudesse, será que ela não se acomodaria? E se se acomodasse, não seria melhor negar a ajuda? E então, se ela se acomodasse e fosse negada a ajuda, não seria pior, pois empurraríamos um ser humano para mais próximo de uma miséria absoluta, de um beco sem saída, sem condições de reerguer-se, podendo ingressar mais fácil no mundo da criminalidade?

Enfim, o que é o certo e o que é o errado, pensei?

Como descobrir qual pessoa estará a nossa frente, para podermos nos posicionar adequadamente, mantendo o esquadro na posição correta? Como saber se o nosso próximo é uma pessoa que falta disposição ou falta pão? Como descobrir se o nosso próximo é um ser humano que não carece de amparo por faltar disposição ou necessita de condições mínimas para poder superar as necessidades básicas de sobrevivência

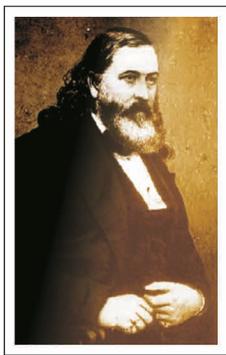
digna, para então, sequencialmente, poder dar uma contribuição melhor para a sociedade? Creio que quanto mais conhecermos o nosso próximo, mais fácil será de enquadrá-lo. Mas será sempre possível conhecê-lo bem? E quando não for possível? E, se for possível conhecê-lo, mas não o seu contexto, as suas circunstâncias?

Enfim, este é mais um questionamento que compartilho com os Irmãos na busca da Luz.



# O Pensamento Vivo de **Albert Pike**

## Moral and Dogma



### Nota ao Leitor

Mentes menos abertas normalmente implicam com o título da obra magna de **Albert Pike**, *Morals and Dogma*. Para entender melhor as intenções dele, transcrevo parte do Prefácio da obra:

*“O Rito Escocês Antigo e Aceito usa a palavra Dogma em seu verdadeiro sentido, o de doutrina ou ensinamento; e não tem nada do sentido odioso do termo dogmático. Cada um é inteiramente livre para discordar ou rejeitar do que quer que lhe pareça falso ou falacioso. Tudo que se requer dele é que avalie o que é ensinado e dê um julgamento justo e sem preconceitos.”*

Partes deste capítulo podem parecer estranhas, à luz do que se conhece hoje, à luz das pesquisas ao alcance do teclado de seu micro. Mas atente para a Nota (9) para que seu julgamento seja o que pede o autor.

## Cavaleiro Kadosch ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra

### Grau 30 *(final)*

Tradução livre de  
*J. W. Kreutzer Bach*

(NT – os trechos a seguir, que começam e terminam com aspas, são de autor citado por **Pike**, que não o identifica; os trechos entremeados a estes, começados e terminados por colchetes, [ ], são da pena de **Pike**)

“O próprio **Hugues de Payens** não possuía aquele intelecto perspicaz nem a grandeza de propósitos que depois iria distinguir o militar fundador de outra ordem combatente que se ornou formidável aos monarcas. Os Templários não eram inteligentes, não passando de jesuítas mal sucedidos.

Sua palavra de ordem era enriquecerem-se para comprar o mundo. E assim foi. Em 1312, eles possuíam, somente na Europa, nove mil propriedades senhoriais. As riquezas foram os baixios nos quais encalharam. Tornaram-se insolentes, imprudentemente demonstrando seu desprezo pelas instituições sociais e religiosas que pretendiam derrubar.

Sua ambição foi-lhes fatal. Seu objetivo foi percebido e impedido.”

[ Roma, mais intolerante de heresia do que de vícios e crimes, passou a temer a Ordem – e o medo é sempre cruel. Ela sempre teve a verdade filosófica como a mais perigosa das heresias, e jamais se deteve de acusar falsamente de modo a esmagar o pensamento livre.]

“O papa **Clemente V** e o rei **Felipe, o Belo**, deram o sinal à Europa e os Templários, apanhados por uma imensa rede, foram aprisionados, desarmados e atirados às masmorras. Nunca um golpe de estado orquestrou uma ação tão formidável. O mundo quedou-se estupefato e aguardou ansioso pelas estranhas revelações de um processo que iria ecoar por muitas épocas.”

“Era impossível revelar, para a gente do povo, a conspiração dos Templários contra a Coroa e a Mitra. Era impossível revelar-lhes as doutrinas dos chefes da Ordem.



**O fim dramático dos Templários tem inspirado muitas lendas através dos tempos, não apenas pela trama, mas por muitos dos mistérios que a cercam. Aqui, o último Grão-Mestre, Jacques de Molay, caminha para o final, no cadafalso de Île-de-France, onde uma placa marca o lugar exato do seu suplício.**



[ Isso equivaleria iniciar a multidão nos segredos dos Mestres e levantar o véu de Ísis. A solução foi, por isto, recorrer à acusação de feitiçaria. Não foi difícil encontrar delatores e falsas testemunhas. Quando as tiranias temporais e espirituais se unem para esmagar uma vítima, jamais carecem de instrumentos servis.]

“Os Templários foram seriamente acusados de cuspir em Cristo e negar Deus em suas cerimônias, de conduta vil e obscena, de conversar com demônios femininos e de adorar um ídolo monstruoso.

O final do drama é bem conhecido: **Jacques de Molay** e seus companheiros pereceram nas chamas. Porém, antes de sua execução, o chefe da Ordem condenada organizou e instituiu o que depois seria chamada de Maçonaria Oculta, Hermética ou Escocesa. Na penumbra de sua masmorra, o Grão-Mestre criou quatro Lojas Metropolitanas: em Nápoles, para o Leste; Edimbur-

go, para o Oeste; Estocolmo, para o Norte; e Paris, para o Sul.” (9)

[ As iniciais de seu nome, *J.: B.: M.:*, encontrada nessa mesma ordem nos primeiros três Graus, estão entre outras evidências de que seja essa a origem da moderna Maçonaria. A lenda de **Osíris** foi revivida e adotada para simbolizar a destruição da Ordem. E a ressurreição de **Khurum**, assassinado no interior do Templo, como mártir da fidelidade às obrigações, da Verdade e da Consciência, profetizavam a restauração da vida por associação.]

“O papa e o rei logo pereceriam de maneira estranha e repentina. **Squin de Florian**, o principal delator, morreu assassinado. Ao quebrar a espada dos Templários, eles fizeram dela um punhal. E sua trolha proscrita, a partir de então, construiu apenas túmulos.”

[ A Ordem desapareceu de imediato. Suas propriedades e riqueza foram confiscadas e ela parecia ter cessado de existir. Ainda assim, ela viveu, sob outros nomes e governada por outros chefes, revelando-se apenas àqueles que, passando por uma série de Graus, provaram ser dignos de que lhes fosse confiado o perigoso segredo. As modernas Ordens que se denominam Templários assumiram um nome para o qual não têm sequer a sombra de um título.]

“Os sucessores dos *Antigos Adeptos Rosa-Cruz*, abandonando gradativamente a Ciência austera e hierárquica de seus ancestrais na iniciação, tornaram-se uma seita mística, unidas com muitos dos Templários, interpolando os dogmas das duas e acreditando-se depositários dos segredos do Evangelho de **S. João**, vindo em suas récitas uma série alegórica de ritos apropriados para completar a iniciação.

Os Iniciados de fato pensaram, no século dezoito, que seu tempo havia chegado. A alguns, para fundar uma nova Hierarquia; a outros, para derrubar toda autoridade e nivelar todos os topos da Ordem Social sob o nível da Equidade.”(10)

O significado místico da Rosa como um símbolo deve ser buscado nos comentários cabalísticos das cantigas (11).

A Rosa, para os Iniciados, era o símbolo vivo e florescente da revelação das harmonias no ser. Era o emblema da beleza, da vida, do amor e do prazer. **Flamel** e *O Livro do Judeu Abrahão*(12) fizeram dela o signo hieroglífico da Grande Obra. Esta é a chave do *Romance da Rosa*(13). A conquista da Rosa era o problema proposto à Ciência pela Iniciação, enquanto a Religião trabalhava para preparar e estabelecer o triunfo universal, exclusivo e definitivo, da Cruz.





**Ilustração medieval sobre o amor cortês, do qual o Romance da Rosa, poema francês, é um dos exemplos clássicos**

portão em que estava escrita a sentença do desespero revertendo a posição de sua cabeça e de seus pés, quer dizer, aceitando o diretamente oposto ao dogma católico. E então ascende à luz usando o próprio diabo como uma escada monstruosa. **Fausto** ascende aos céus pisando na cabeça do vencido **Mefistófeles**. O inferno é impassável apenas para quem não sabe retornar dele. Nós nos livramos de sua prisão pela audácia.

Seu inferno nada mais é que um purgatório negativo. Seu Céu é composto de uma série de círculos cabalísticos, divididos por uma cruz, como o pantáculo de **Ezequiel**.<sup>(14)</sup> No centro dessa cruz floresce uma rosa e nós vemos o símbolo dos **Adeptos da Rosa Cruz** pela primeira vez publicamente exposto e quase que categoricamente explorado.

Pela primeira vez, porque **Guillaume de Lorris**, que morreu em 1260,

Unir a Rosa à Cruz era o problema proposto pela Alta Iniciação. De fato, sendo a filosofia oculta a síntese universal, deveria explicar todos os fenômenos do ser. A religião, considerada tão somente um fato fisiológico, é a revelação e a satisfação da necessidade das almas. Sua existência é um fato científico. Negá-lo seria negar a própria humanidade.

Os Adeptos Rosa Cruz respeitavam a religião dominante, hierárquica e revelada. Consequentemente, eles não poderiam ser os inimigos do papado ou da monarquia legítima. Se eles conspirassem contra papas ou reis, seria por considerá-los, pessoalmente, como apóstatas das obrigações e artifícios da anarquia.

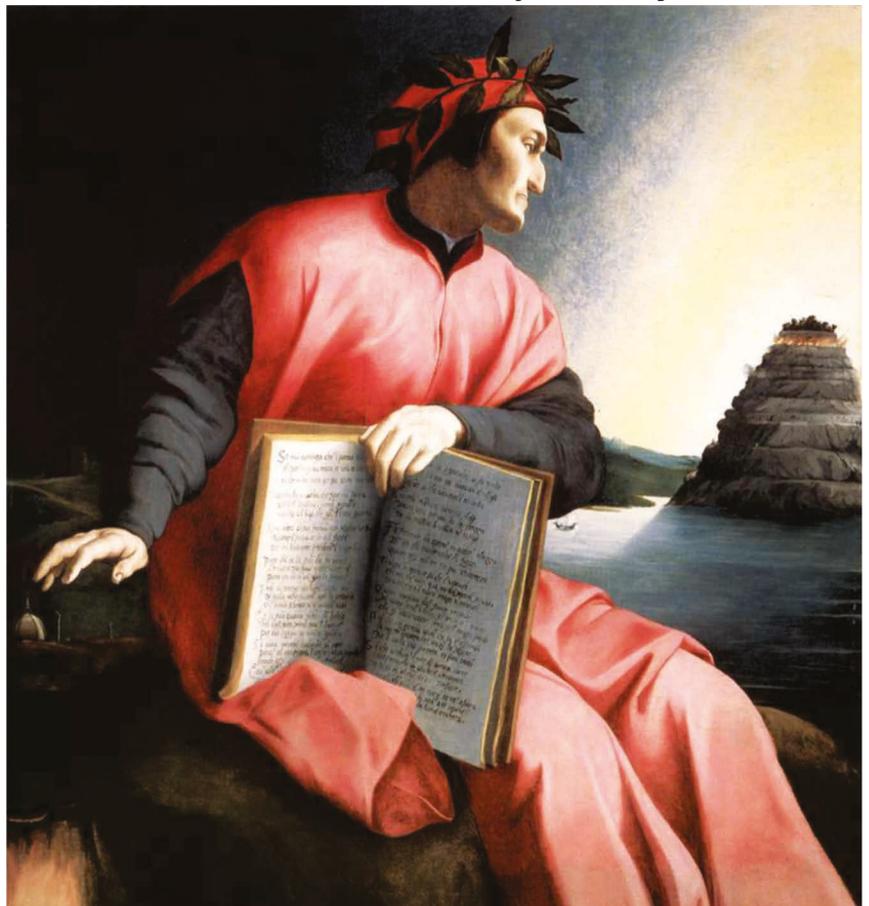
De fato, o que é um déspota, temporal ou espiritual, senão um anarquista coroadado?

Um dos magníficos pantáculos que expressam a parte esotérica e impronunciável da Ciência é a *Rosa de Luz*, no centro da qual uma forma humana estende seus braços na forma de uma cruz.

Múltiplos comentários e estudos têm sido feitos sobre a *Divina Comédia* de **Dante**, ainda assim, ao que sabemos, nenhum apontou para sua característica especial. O trabalho do grande guibellino é uma declaração de guerra ao papado bela ousada revelação dos Mistérios. O

épico de **Dante** é joanita e gnóstico, uma audaciosa aplicação, como aquela do Apocalipse, das figuras e dos números da *Cabala* aos dogmas cristãos e uma negação de tudo que é absoluto nesses dogmas. Sua jornada pelos mundos sobrenaturais é realizada como a iniciação dos *Mistérios de Elêusis* e *Tebas*. Ele escapa das profundezas do inferno pelo

Dante olhando o Monte Purgatório, tela de **Agnolo Bronzino** (c. 1530)



cinco anos antes do nascimento de **Dante Alighieri**, não tinha completado seu *Romance da Rosa*, que foi continuado por **Chopinell**, meio século depois. Ficamos espantados ao ver que o *Romance da Rosa* e a *Divina Comédia* são duas formas opostas de um único trabalho, a iniciação na independência do espírito, uma sátira em todas as instituições contemporâneas e a fórmula alegórica dos grandes segredos da *Sociedade dos Rosa Cruzes*.

As importantes manifestações do ocultismo coincidem com o período da queda dos Templários. **Jean de Meung**(15), contemporâneo da velhice de Dante, viveu seus melhores dias na corte de **Felipe, o Belo**. O *Romance da Rosa* é o épico da velha França. É um livro profundo, apresentado com leveza, uma revelação tão erudita quanto a de **Apuleio**(16) nos Mistérios do Ocultismo. As rosas de **Flamel**, de **Jean de Meung** e de **Dante** cresceram do mesmo tronco.

O sistema de **Swedenborg**(17) não era nada mais do que a *Cabala* menos o princípio da hierarquia. É co-

mo o Templo sem a pedra-chave e as fundações.

Cagliostro(18) era o agente dos Templários e, por isto, escreveu para os Maçons de Londres que chegara o tempo de reconstruir o Templo do Eterno. Ele havia introduzido um novo Rito na Maçonaria, chamado de Egípcio, tentando ressuscitar o misterioso culto de Ísis. As três letras em seu selo, *L.:P.:D.:*, segundo o ocultista **Eliphas Levi**, eram as iniciais das palavras *Lilia pedibus destrue*, esmague os lírios (símbolo da França). Uma medalha maçônica do século XVI ou XVII mostra uma espada cortando o ramo de um lírio, com a as palavras *talem dabit ultio messem*, a vingança trará esta colheita. Uma Loja inaugurada sob os auspícios de **Rousseau**(19), o fanático de Genebra, tornou-se o centro do movimento revolucionário na França. Um príncipe de sangue real foi além e jurou a destruição dos sucessores de **Felipe, o Belo**, diante da tumba de **Jacques de Molay**. Os registros da Ordem dos Templários atestam que o regente, o duque de **Orleans**, era o Grão-Mestre daquela formidá-

vel sociedade secreta, e que seus sucessores foram o duque de **Maine**, o príncipe de **Bourbon-Condé** e o duque de **Cossé-Brissac**.

Os Templários comprometeram o rei. Eles o salvaram da fúria do povo para açularem aquela fúria e trazer a catástrofe preparada por séculos – era um cadafalso o que a vingança dos Templários demandava. Os conspiradores secretos da Revolução Francesa tinham jurado derubar o Trono e o Altar no túmulo de **Jacques de Molay**. Quando **Luís XVI** foi executado, metade do trabalho estava feito. Daí por diante, o exército do Templo dirigiu todos os seus esforços contra o papa.

**Jacques de Molay** e seus companheiros foram mártires, mas seus vingadores desonraram suas memórias. A realeza foi regenerada no cadafalso de **Luís XVI**, a igreja triunfou no cativo de **Pio VI**(20), levando prisioneiro a Valence, morrendo de fadiga e dor, mas os sucessores dos antigos Cavaleiros do Templo pereceram, sobrepujados em sua fatal vingança. ▲

**Execução de Luís XVI, ocorrida em 21 de janeiro de 1793 na Place de la Révolution, em gravura do acervo da Bibliothèque Nationale de France**



## Notas:

Não se espante com essas afirmativas, porque não são de **Pike**, mas de “um inimigo dos Templários”, como citado na página 21 na *Astréa* # 33. Esse inimigo ele não identifica, apenas cita. Os parágrafos entre colchetes, [ ], é que exprimem o pensamento dele.

(9) Este trecho é do próprio **Pike**. Porém, antes de julgá-lo, é necessário lembrar que, à época dele, a escola histórica de pesquisadores, que revolucionou a historiografia maçônica com suas descobertas e deduções, ainda não existia. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, foi publicado em 1871, muito antes de **Robert Freke Gould** publicar sua monumental *History of Freemasonry* (entre 1883 e 1887). E a *Loja Quattuor Coronati nº 2076*, primeira Loja de Pesquisas do mundo, só seria fundada em 1884.

(10) As cantigas às quais **Pike** se refere são canções de louvor, tiradas dos textos bíblicos que não os Salmos, comuns na liturgia católica.

(11) Aqui a referência é clara à Revolução Francesa.

(12) **Pike** refere-se a **Nicolau Flamel** (1330/1340-1448), famoso alquimista francês, e a *O Livro de Abrahão, o Judeu*, tratado alquímico escrito pelo autor fictício **Abraham Eleazar**, publicado em Leipzig, 1760.

(13) O *Romance da Rosa* é um poema francês, alegórico do amor cavaleiresco, exemplo da literatura cortês. Foi impresso por volta de 1505.

(14) **Pantáculos**, segundo a *Wikipedia*, são símbolos que possuem um significado de natureza mágica ou esotérica.

(15) **Jean de Meung** (c.1240-c.1305), também conhecido por ou confundido com **Chopinél**, poeta francês da Idade Média, terminou o *Romance da Rosa*, iniciado por **Guillaume de Lorris**.

(16) **Apuleio** (c.125-c.180), poeta romano nascido na Numídia, autor de *O Asno de Ouro*, foi iniciado em diversos cultos, incluindo os *Mistérios de Dionísio*.

(17) O *Rito de Swedenborg*, baseado nos ensinamentos de **Emanuel Swedenborg**, fora iniciado originalmente com finalidade política pelo marquês de **Thorn**, na França, com seis Graus. Foi ressuscitado nos anos de 1870 como uma ordem hermética, mas desapareceu. Aparentemente, foi



revivido na Itália com o título de *Antico Rito Noachita*.

(18) Alessandro, conde **Cagliostro** (1743-1795), também conhecido por **Giuseppe Balsamo**, foi o que poderíamos chamar de vigarista internacionalmente procurado. Nas palavras de **Albert Mackey**, “de todos os charlatães maçônicos que abundavam no século dezoito, o conde Gagliostro foi o mais proeminente, quer consideremos a engenhosidade de seus esquemas de vigarice, quer o extenso campo de suas operações em quase todos os países da Europa, quer a posição e o nível de muitos daqueles cuja credulidade os tornou vítimas”. Pau que nasce torto morre torto. Neste ano de 2014, aqui no Brasil, uma quadrilha de “promotores da Maçonaria de Memphis-Misraim” foi desbaratada e presa pela polícia paranaense, depois de praticar golpes consideráveis.

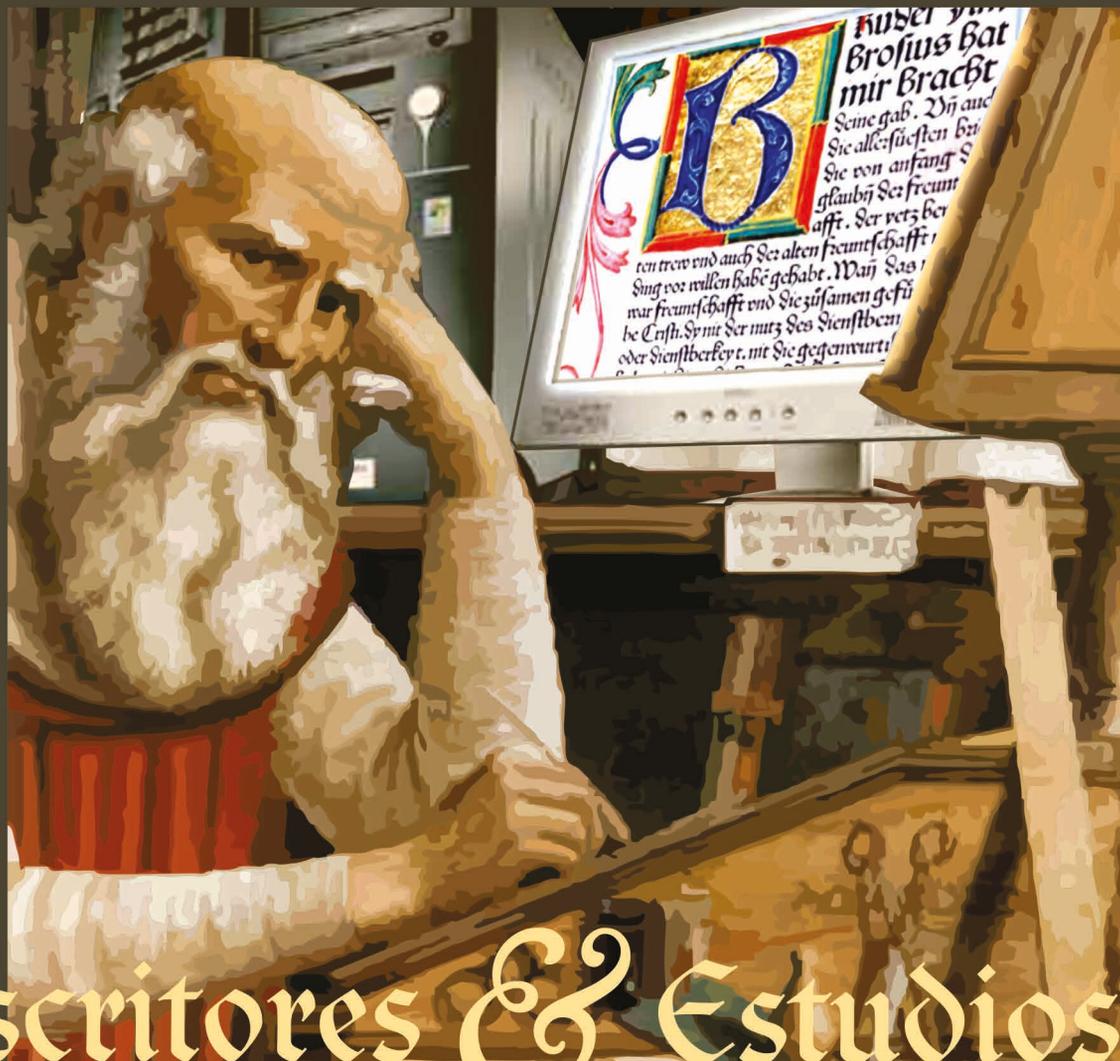


**O selo do Conde Cagliostro**

(19) O filósofo **Jean-Jacques Rousseau** (1712 – 1778), nascido na Suíça, teve uma vida tão controvertida quanto a de Cagliostro. Apesar do brilho intelectual e sempre protegido de nobreza de diversos países, teve vida acidentada, algo amoral e cheia de rompimentos. Seu “*Du Contrat Social, Principes du droit politique*”, mais conhecido como *Discurso da Desigualdade*, teve enorme influência na Revolução Francesa.

(20) O papa **Pio VI** (1717-1775) repudiou a *Constitution civile du clergé*, a constituição secular do clero, promulgada na Revolução Francesa e protestou contra a execução do rei **Luís XVI**. Quando tropas francesas tomaram Roma e proclamaram a *República de Roma* em 1798, ele recusou-se a submeter-se. Foi aprisionado e, embora seriamente doente, levado através dos Alpes até Valence, às margens do rio Ródano, no sul da França, onde faleceu.



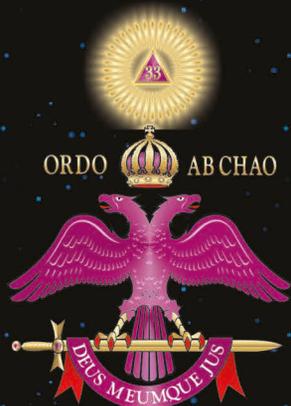


# Escritores & Estudiosos

**A** Revista *Astréa* se propõe a ser o seu veículo em seus trabalhos sobre nosso Rito Escocês Antigo e Aceito. Por isto, a Grande Secretaria do Interior de nosso Supremo Conselho pede aos Irmãos que divulguem em seus Vales que as páginas da *Astréa* estão abertas a trabalhos de caráter filosófico e incentivem os Irmãos pesquisadores que submetam sua criação.

Neste número, continuamos a publicar os trabalhos selecionados de nossos Ill.: PPod.: IIr.:, como determinara nosso S.: G.: C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**, para que nossa *Astréa* retomasse o sonho de seu criador, o S.: G.: C.:  
**Mário Marinho de Carvalho Behring.**

Supremo Conselho do Grau 33 do  
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para  
a República Federativa do Brasil:  
em amizade com todos  
os Supremos Conselhos  
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá  
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil  
Tels: (21) 3369-8000  
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>